

A Psicanálise e a Cena Política

**“Hoje é o ato. Amanhã nós o explicaremos.”
Magritte**

No dia 31/3/2007, O Globo publicou um artigo de Cristovam Buarque em que ele dizia que três nuvens pairam sobre a humanidade. A primeira delas diz respeito ao assustador desastre ecológico já anunciado; a segunda é relativa à contínua divisão social e a terceira, que aqui interessa, denuncia o fracasso intelectual em formular propostas para o enfrentamento dessas tragédias. Com extrema lucidez, ele analisa o vazio deixado pelo fim das utopias e a falta de uma base de pensamento que nos ajude a compreender a estranheza desses tempos sombrios, vividos de forma tão desoladora e apática.

Como discordar? Não há como negar tal vácuo, se a própria realidade mostra que a lacuna apontada por ele tem sido muito mais suprida por uma narrativa de fatos pela mídia, do que por uma ação concreta dos intelectuais que, aprisionados nas armadilhas dos seus conceitos, parecem não conseguir acompanhar a velocidade do horror instalado. É como se houvesse uma tragédia em curso, disseminada, que espalha perplexidade e conformismo, deixando no ar um sinistro silêncio.

Alguns intelectuais que têm escrito sobre o contemporâneo expressam, claramente, a sensação desse descompasso trazido pela velocidade. Em seu livro, “Vida Líquida”, Zygmunt Bauman agradece à editora “por sua paciência infinita, já que o tema mudava mais depressa do que a escrita conseguia avançar”.

Baudrillard, por outro lado, foi mais radical, quando disse que o pensamento como função em nosso sistema social está em vias de extinção. Segundo ele, “já há algum tempo somos quimeras vivas, misturas de homens-máquinas e vivemos, no decorrer do tempo, imersos num coquetel quimérico de culturas, de signos e de valores.”

No sábado seguinte à provocação de Cristovam Buarque, o caderno Prosa & Verso trouxe uma resenha em torno da figura emblemática de Hannah Arendt, que entre tantas contribuições fabulosas, resume, numa frase, o cerne da questão levantada por ele:

“O homem perdeu a fé em si mesmo como parceiro de seus pensamentos.”

A lembrança de Hannah Arendt não vem ao acaso. Não é por uma questão aleatória que sua obra está provocando vários artigos, invadindo as prateleiras das livrarias e sim, porque poucos pensadores políticos podem ser considerados tão visionários quanto ela, quando se trata de refletir sobre o caos contemporâneo. Envolvida pelos acontecimentos extremos de seu tempo, Arendt não se deixou paralisar. Pelo contrário, ao invés de uma posição contemplativa, escolheu o pensar como modo de existência e produziu uma obra extraordinária, que até hoje é um dos instrumentos mais vigorosos de reflexão sobre o espaço político. Sua escrita é o exemplo vivo de sua atividade, face à tentativa de calar as vozes que denunciavam o progressivo surgimento de uma “estranha espécie de humanidade”, como diz Julia Kristeva.

O vazio de autoridade e o abismo vertiginoso que nos assombra, diariamente, tornam-se mais assustadores ainda, ao contato com o pensamento de Hannah Arendt, por sabermos onde esse estado de coisas foi dar. Ela sabia que o distanciamento entre as instituições públicas e o homem comum era o caminho mais curto para o horror e a alienação. Ela sabia, também, que o poder, quando usado de forma perversa e abusiva, é um instrumento de implementação do terror. Assim como sabia que o consumo excessivo ia acabar por consumir e inibir o livre-pensar do homem.

Hoje, os desdobramentos do discurso capitalista são visíveis e podemos ver nas dobras dos acontecimentos cotidianos, o que podemos chamar de “novas configurações determinadas pelo capital”, ou o que ela denominava de mal radical.

Vivemos, atualmente, um para-além da pulsão de morte, uma descontinuidade que tem, na crueldade, um motor perfeito da escrita desses novos tempos. A disseminação da violência, a corrupção vergonhosa, a falência (ou falácia?) da justiça e o conseqüente descrédito na lei produziram a destruição sistemática do espaço político e o fim da dignidade do Estado-Nação,

Em dezembro de 2004, também numa entrevista ao Globo, Agambem estabeleceu um paralelo entre o que os judeus passavam em Auschwitz e o que estamos vivendo hoje, denunciando a falência de todo e qualquer estatuto jurídico. Em ambos os casos, a lei estaria suspensa. Ele aponta que uma democracia só sobrevive se o seu fundamento, o povo enquanto corpo político, estiver atento e ativo. Segundo ele, as novas relações biopolíticas entre indivíduos e Estado transformaram o que se convencionou chamar de povo, em população.

Agambem nos conduz a Freud, que em “O Futuro de uma Ilusão” dizia que “as massas podem ser induzidas ao trabalho e a suportar as renúncias que a existência impõe, se forem influenciados por indivíduos que possam fornecer um exemplo e a quem reconheçam como líderes. Tudo correrá bem se esses líderes forem pessoas com uma compreensão interna (insight) superior das necessidades da vida e que se tenham erguido à altura de dominar seus próprios desejos instituais”. (Freud, 1927)

O que poderia soar irônico, hoje ecoa como uma profecia. A percepção profunda que Freud tinha de que o humano é atravessado por forças desconhecidas e destrutivas, fazia com que ele se preocupasse com as pulsões de domínio e a conseqüente indução à alienação. A abordagem freudiana sobre as massas não tem um caráter moral. Ele estava pensando em intensidades e já antevia que essas forças, à deriva, poderiam ganhar formas expressivas assustadoras por conta de sua potência e indeterminação. E que, por outro lado, figuras onipotentes e violentas, sob o manto da proteção, estariam sempre dispostas a se aproveitar da fragilidade do outro. Alguns anos depois de escrever “Psicologia de Grupo e Análise do Ego” (1921) Freud viveu, na carne, essa dura experiência.

Também Hannah Arendt se dedicou a pensar os desdobramentos dessa mesma questão.

Nascida em 1906, em plena Alemanha fragmentada, constituiu como uma de suas atividades mais contundentes e vigorosas, a incansável tentativa de entender as bases que desencadearam o totalitarismo. Ao denunciar a usurpação obscena da verdadeira política, ela produziu, como poucos, uma análise “mediúnica” dos acontecimentos contemporâneos. É como se ela estivesse vivendo o nosso aqui e agora, nos alertando para o fato de que a ausência do verdadeiro pensar-político pode ser a lacuna ideal para um horror maior. Havia nela uma impaciência com os intelectuais de sua época, que pareciam não enxergar as evidências e a gravidade do que estava acontecendo. Ela cobrava deles uma ação concreta, porque a dolorosa constatação da acelerada transmutação de valores e quebra de tradições que estava mudando o curso da história, a apavorava. Ela intuía que, nessa descontinuidade, morava o risco da perda de toda e qualquer dignidade do domínio político e que era preciso uma ação radical que interditasse o que ela, com toda propriedade, intitulou de “banalidade do mal”.

As publicações de “As Origens do Totalitarismo” (1951) e “A condição humana” (1958), funcionam como uma espécie de testemunho de seu esforço para gerar um pensamento relativo aos fatos políticos de seu tempo. O legado de sua obra é uma fonte inesgotável para se pensar nossa época, plena de questões extremamente perturbadoras.

Tanto Freud como Hannah se inseriram na história através de um pensamento crítico, contribuindo de forma inestimável para o atravessamento dos discursos políticos.

E hoje, como a psicanálise se insere na cena social?
Que atravessamentos ela produz nas políticas?

O que têm os psicanalistas a dizer sobre aquilo que fica fora do cenário da mídia e que é obscuro, inominável, obsceno?

Existe uma crítica velada, em vários segmentos, de que os psicanalistas têm se omitido e pouco contribuído para a constituição dessa base de pensamento apontada por Buarque. Haveria uma certa reserva ou timidez na produção de idéias e um raso aproveitamento das contribuições de Freud no que diz respeito à excessiva racionalização em torno dos fenômenos sociais.

Freud e Marx nos ensinaram que toda e qualquer teoria não tem validade se não for a expressão de uma prática social, continuamente refletida e interrogada.

Diante dessa barbárie atual, de que vale um saber a respeito do inconsciente, da repetição, da perversão, da onipotência e da paranóia fora do campo clínico?

O que dizer das pulsões que não cessam de agir no campo social?

“Toda vez que se faz das pulsões cultura, pode-se dizer que se está no campo da psicanálise” __ (Aula de Chaim Samuel Katz, em 1998, na Formação Freudiana)

Os principais conceitos freudianos não podem estar circunscritos, apenas, aos limites do psiquismo individual. É preciso se apropriar da obra de Freud para a compreensão dos atuais fenômenos. Nela estão os elementos essenciais sobre a natureza e as modalidades de vínculo social: os jogos identificatórios, as compulsões, o desejo de reconhecimento, o estranhamento, a segregação, enfim, o pulsional que faz parte da constituição de cada sujeito e do fundamento de toda sociedade. Tudo o que escapa e que é irreduzível à razão é relativo ao inconsciente. O ódio do outro e o desejo de destruir não podem ser domesticados e mesmo que se tente intervir nessas relações de força, nunca se poderá torná-las inoperantes através de uma racionalidade.

Como erradicar o pulsional?

O Presidente Bush, por exemplo, acreditou que conseguiria, facilmente, dominar o Iraque, mas não levou em conta a pulsionalidade dos iraquianos. Atendendo a interesses de outra ordem, desconsiderou de forma absoluta a história, que ensina que em muitas guerras os mais fortes foram surpreendidos pela força das pulsões dos mais fracos.

Do lado de cá, toda essa animalidade que vem do tráfico é vista não como pertencendo ao humano, mas como sendo “coisa de bicho”, o que deixa entrever uma leitura instintual e não pulsional. Os políticos ainda acham que se puserem um muro que separe as vias expressas das favelas, irão colocar a salvo quem passa nelas e que alguns guardinhas nas esquinas vão conter a horda e diminuir a invasão em curso.

Se tomarmos a questão identificatória, poderemos entender, também, porque os traficantes são os heróis de muitas menininhas de classe média alta que sobem o morro para dar uma “abaixadinha” nos bailes funks. Assim como, a cegueira do governo diante do crime organizado poderá ser melhor analisada sobre o dito que caracteriza a perversão: “eu sei, mas mesmo assim...”

E o que dizer das campanhas de preservativos feitas pelo Ministério da Saúde?

Em que lugar aparece o pulsional?

As propagandas são profundamente ingênuas, na medida em que não levam em conta algo que é paralelo à sexualidade e que diz respeito a correr riscos. Se dependesse só de informação e de racionalidade, ninguém transaria sem preservativos hoje. Mas o que move uma pessoa numa transa, muitas vezes está num para-além. Claro que os órgãos competentes fazem o seu trabalho, que é o de informar. Mas eles teriam que ser mais bem informados sobre a obscuridade que atravessa essas questões. Afinal, não é de políticas e de inclusão de um saber que estamos falando?

Da mesma forma, os jovens que sobem o morro não sobem só por conta da droga. É uma aventura que os atrai, é a penetração num universo extremamente perigoso e sedutor, onde, na procura, a adrenalina potencializa os efeitos da droga.

Falar para um usuário que subir um morro é perigoso e que ele não deveria fazer isso porque põe sua vida em risco, é ingênuo e beira ao ridículo.

Enfim, seriam muitos os exemplos que poderiam aqui nos ajudar a constituir um pensamento crítico a partir das contribuições possíveis da psicanálise. A questão é como inseri-las no político. Esse é um grande desafio.

São vários os pensadores contemporâneos que podem nos inspirar.

Derrida, numa de suas visitas ao Brasil, enfatizou o quanto precisamos repolitizar as coisas, já que o político não se reduz ao Estado. É preciso criar um novo conceito de política, ressaltou ele, frisando que em oposição à soberania do Estado, a Psicanálise deveria defender a soberania do sujeito.

Elizabeth Roudinesco, historiadora respeitada por todos nós, em seu livro “Filósofos na Tormenta”, homenageia a ousadia de alguns filósofos franceses contemporâneos, pela produção de um pensar rebelde em relação à ordem dominante

Bauman, por sua vez, retoma Adorno para afirmar que o pensar crítico “não é a conservação do passado, mas a redenção das esperanças do passado” e nos alerta para o fato de que é preciso “atingir um equilíbrio aceitável entre liberdade e segurança, as duas condições sine que non da sociedade humana, não imediatamente compatíveis, mas igualmente cruciais.” Para isso, segundo ele, é preciso um esforço do **repensar**.

A psicanálise deve tomar para si esse alerta, entrando na cena política através do que ela tem de mais precioso, que é a capacidade de propiciar reflexões. Inclusive, para além dos divãs.

Angela Bezerra Villela
Membro Titular da Formação Freudiana

Bibliografia:

- Baudrillard, Jean __ “ A Troca impossível. Ed Nova Fronteira, 2002
Bauman, Zygmunt__ “ Vida Líquida”. Zahar,2007
Correia, Adriano __”Hannah Arendt”. Zahar,2007
Correia, Adriano (Coordenação)__“Transpondo o Abismo’. Forense Universitária, 2002
Freud, S __ “O Futuro de Uma Ilusão” e “Psicologia de Grupo e a Análise do Ego”
Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Vols: XVIII e XXI.
Kristeva, Julia __ O Gênio Feminino _A vida a loucura e as palavras. Rocco, 2002
Roudinesco, Elizabeth_ “Filósofos na Tormenta”. Zahar, 2007